

RUA ALCIDES GODOY

Lei nº 1824 de 23-10-1957

Formada pela rua 9 do Jardim Paraíso e rua 12 do Jardim Guarani

Início na rua José de Campos Sales

Término na avenida Claudio Celestino de Toledo Soares

Jardim Paraíso

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

ALCIDES GODOY

Alcides Godoy nasceu em Campinas em 07-janeiro-1880 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1950. Era filho de Francisco Xavier de Moraes Godoy e Ana Pureza de Campos Godoy e foi casado com Dulce Leite de Castro Godoy e tiveram dois filhos. Filho de pais fazendeiros abastados, passou uma infância feliz entre a cidade e a fazenda, estudando no Colégio "Culto à Ciência". Por um desses golpes do destino, Alcides Godoy ainda moço, veio a sentir o travo da pobreza. Sem meios para continuar os estudos, recorreu à música, arte da qual era apaixonado cultor. Fez parte, como flautista, da Companhia Lírica de Emílio Bilorro, percorrendo o Brasil inteiro. Mais tarde, teve auxílio de mãos generosas, e após haver interrompido dois anos de estudos em Salvador, na Bahia, seguiu para o Rio de Janeiro a fim de continuar a estudar medicina. Em 1902, como auxiliar-acadêmico da Diretoria de Saúde Pública Federal, na campanha contra a febre amarela, trabalhou com Antonio Austregésilo, na Santa Casa e com os escassos salários, mantém as cinco pessoas de seu lar. Em 1903, formando-se em Medicina, recolheu-se com Henrique Aragão, à "família" de Manguinhos, da qual só se afastou com a morte, em 1950. E foi nessa Casa de Ciência que Alcides Godoy se constituiu numa das mais altas expressões da cultura médica em nosso país e, sobretudo, num brasileiro benemérito. Na Casa de Oswaldo Cruz galgou todos os postos, desde auxiliar, em 1903, assistente, em 1907, biologista e professor. Aliás, esse Manguinhos de outrora e o, hoje, Instituto "Oswaldo Cruz", muito deve à Alcides Godoy. Afora uma série de importantes pesquisas e descobertas, o seu primeiro trabalho de vulto, uma descoberta de incalculável importância, não só para a vida do Instituto como para a riqueza nacional, em 1906, já seria suficiente para traduzí-lo como grande vulto brasileiro. Foi a obtenção da vacina contra o carbúnculo sintomático, vulgarmente conhecido como "peste da manqueira", "mal de ano", que antes do advento desse produto, eram os nossos melhores rebanhos dizimados na proporção de 80 a 90 por cento, e com a vacina de Manguinhos, de Alcides Godoy, o Brasil pode hoje exportar a carne, que não existiria sequer para o próprio consumo. Alcides Godoy deixou pouco mais de duas dezenas de trabalhos científicos publicados, em português e francês. É um nome glorioso do Brasil.



LEI N.º 1824, DE 23 DE OUTUBRO DE 1957

Dá o nome de "Alcides Godoy" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta, e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Alcides Godoy", a via pública que compreende a rua 9 do Jardim Paraíso e a rua 12 do Jardim Guarani, que tem início na rua 7 do primeiro loteamento e termina na Avenida 2 do Jardim Guarani.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal

Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 23 de outubro de 1957.

O Diretor
Alvaro Ferreira da Costa

RUA ALCIDES GODOY



Dr. Alcides Godoy, médico e microbiologista, glória legítima de Manguinhos, auxiliar direto do grande sábio de reputação universal, e benemérito da humanidade, pelas suas descobertas científicas, aqui nascido em 07-janeiro-1880, e falecido no Rio de Janeiro, em 1950.

(Trecho de um artigo sob o título "A Rua Leopoldo Amaral", de autoria do Dr. Celso da Silveira Rezende, publicada pelo jornal "Correio Popular", de Campinas, de 20-dezembro-1956)

CAMPINEIROS ILUSTRES:

ALCIDES GODOY



ALCIDES GODOY nasceu na cidade de Campinas, em 7 de Janeiro de 1880. Esta cidade, como muitas outras, brasileiras, surgiu em época remota, quando as bandeiras saíram de São Paulo, em procura das Gerais e Mato Grosso.

A povoação de FRANCISCO BARRETO IENE crescera muito. A freguesia da Senhora da Conceição de Campinas e depois Vila São Carlos, transformara-se na mais bela e progressista cidade da província de S. Paulo. A imponência da vida rural refletia-se na cidade. Basta olhar na "Velhas Fazendas Paulistas" a grandeza da "Casa Grande", para se ter a certeza do conforto, e mesmo luxo, daquela gente.

Penetramos, de uma feita, num desses velhos casarões, típicos da era colonial, com imensas salas, capela, numerosos quartos, casa de máquinas, etc., no topo de uma pequena colina de onde se divisava amplo horizonte. Nítido e claro, pareceu-me ainda rever dentro daquelas paredes o sopro da vida patriarcal e sadia de tempos idos. Se bem que o solo ubérrimo da terra roxa se prestasse a todas as culturas, era, a princípio, a plantação da cana de açúcar que reinava naquelas paragens. O café veio depois e, já em 1820, dominava a lavoura daquela zona, onde o braço escravo contribuía para os resultados realmente alentadores obtidos.

Em 1880, Campinas tinha 40.000 habitantes, e o município, mais de vinte milhões de pés de café, afóra uma robusta cultura de cana.

Desde 1852 o colono italiano ali penetrou, pela mão de um grande fazendeiro, VISCONDE DE INDAIATUBA, na Fazenda das Sete Quedas. Em breve, a colonização italiana dominava de certo modo as fazendas, na proporção de 4 para 1 escravo negro. Esta riqueza, é claro, trouxe a Campinas um paralelo progresso cultural. Fundaram-se escolas, ginásios, jornais, bibliotecas, hospitais, igrejas, sobressaindo entre estas a Matriz, considerada hoje como um dos principais templos do Brasil pela grandesa e beleza arquitetônica. Frequentes eram as viagens da mocidade abastada aos centros cultos da Europa.

Em 1870, a cidade tomava enorme incremento. As Companhias Paulista e Mogiana de estradas de ferro chegavam àquele rincão. Houve iluminação pública feita pelo processo de gás, bondes a tração animal. Nítida era a rivalidade, já sentida há tempos, entre Campinas da Província e a bela Campinas do "Labore, virtute, civitas floret".

Em 1865, A. E. de Taunay, em carta à família, confirmava a superioridade de Campinas nos belos edifícios, na sociedade acolhedora, no encanto da mocidade feminina.

A Capital da Província ainda não saíra do ciclo dos trovadores para o dos trabalhadores. O milagre da capital bandeirante viria depois...

Foi no meio desse progresso e vida estudante que nasceu Alcides Godoy. Como quase todas as famílias abastadas, seus pais eram fazendeiros. Chamavam-se Francisco Xavier de Moraes Godoy e Ana Pureza de Campos Godoy, de cujo matrimônio nasceram mais cinco filhos, Adolfo, Artur, Augusto, Amélia e Avelino, dos quais sómente sobreviveram os três últimos. É família de tronco antigo, pois em 1727 encontramos, encabeçando um repto ao governador da Província pedindo a elevação da freguesia a Vila, um senhor Antonio Mendes de Godoy. Aliás esse pedido seria mais tarde coroado com a transformação em cidade, em 5 de fevereiro de 1842.

A vida do menino corria feliz, entre os folguedos da cidade e a vida na fazenda, farta e acolhedora. Em breves anos, sentiria, porém, a verdade da sentença de Seneca: "Nulla sors longa est dolor ac voluptas invicem".

Aos nove anos de idade viu a cidade entristecer-se com o aparecimento da epidemia de febre amarela. Esta doença, mais tarde, serviria às experiências célebres de Adolfo Lutz e Emilio Ribas.

O surto amarílico daquela época só muito depois foi dominado.

Em 1880 já havia em Campinas quatro colégios, sobressaindo o "Culto à Ciência", no qual, um dia Alcides Godoy estudaria os preparatórios.

A "Princesa D'Este" havia já visto nascer em seu solo ubérrimo Carlos Gomes, Campos Sales e Francisco Glicério. A sua nobresa espiritual e moral constituía uma ilha na província bandeirante. Teria de ver nascer também em Alcides Godoy uma das mais altas expressões da cultura médica em nosso país e, sobretudo, um brasileiro Benemerito. Ainda nele, naquela ar distante, naquele firme retraimento, naquela altiva cabeça, sentíamos ainda vivo e quente o sangue dos nobres campineiros de outrora. Filho de abastada família, sentiu em breve o moço, por um desses golpes de destino, o travo da pobreza. Sem meios para continuar os estudos, recorreu o rapaz à música, arte da qual era apaixonado cultor. Fez parte, como "flautista", da Companhia Lírica de Emilio Biloro, percorrendo o Brasil inteiro e, mais tarde, penetrou no sertão com as novidades dos primitivos cinemas que então apareceram, ganhando desse modo a subsistência. Tive o auxílio, porém, de mão generosa-

Godoy

sa da família Teixeira de Camargos Campo, e pôde assim, após ter interrompido dois anos de estudo em Salvador, na Baía, ir para o Rio de Janeiro continuar o curso médico.

No Distrito Federal, foi ele residir na "república" de estudantes à Rua do Riachuelo, tendo encontrado entre os goianos verdadeiros e leais amigos. Foi por esta época que se revelou lutador de tempera rija e forte, o caráter firme do filho de Campinas que, com os fracos proventos de seu cargo, manteve as cinco passagens estremeçadas no seu próprio lar.

Em 1902 nós o vemos auxiliar-acadêmico da antiga Diretoria de Saúde Pública Federal; na campanha contra a febre amarela e trabalhando na Santa Casa, com Antônio Austregesilo.

Em 1903, formando-se em Medicina, recolheu-se, com Henrique Aragão, à família de Manguinhos, da qual só se afastaria com a morte em 1950.

Da sua atribulada vida de solteiro, não lhe ficariam saudades. Casou-se mais tarde com a Senhora D^{ma} Dulce Leite de Castro Godoy. Deste casamento teve 2 filhos: Oswaldo - químico industrial e Margarida Maria - exímia pianista.

Na "Casa de Oswaldo", galgou todos os postos, de auxiliar, em 1903, assistente em 1907, biologista da classe "N" e professor da classe "C", pela última reforma do Instituto Oswaldo Cruz, em 1949.

Na fazenda velha do Instituto Seroterápico de Manguinhos, ou na feitura do majestoso edifício que é o atual pavilhão central do Instituto Oswaldo Cruz, Godoy se revelou de um espírito atilado, original, renovador e profundo, que conservou até o fim da sua vida. O mecanismo das estufas, a fabricação da água destilada, o funcionamento das autoclaves, a macro e micro-fotografia, as balanças, os novos aparelhos de pesquisa e dosagens, o preparo dos meios biológicos de cultura, tiveram sempre no mestre um conselheiro avisado, se não um renovador seguro, naquele magnífico "Manguinhos de outrora". A Escola de Oswaldo Cruz - muito deve ao seu enciclopédico saber.

Alcides Godoy não era um didata perfeito. Os pensamentos, sempre elevados, não eram expressos por ele com a clareza dos seus conhecimentos. A palavra não lhe era fácil e, para a explanação de um problema de pesquisa, dava, não raro, pela rapidez das deduções, o começo e o fim da questão, deixando o principiante a descoberta do resto. Possuía, todavia, essa qualidade rara - a originalidade da pesquisa.

Para o progresso real da ciência, não basta cultura vasta e profunda, não é suficiente conhecer com pormenores todas as técnicas, passadas e presentes, e muito menos trazer no cérebro esse amargo cepticismo dos vencidos. É indispensável possuir, além de tudo aquilo, entusiasmo, inabalável fé na ciência e, principalmente, esta faceta rara do espírito, de ver claro onde os demais se debatem nas trevas, de encontrar a verdade nova nova, onde quase todos só pressentem os desenganos. É essa qualidade excepcional da inteligência que permitiu a um Carlos Chagas, retirar da mata virgem de doenças tropicais, que era Lasance em 1909, a componente nova da tripanossimiose americana. Era essa mesma chama que alumia o talento de Alcides Godoy, como de um Adolfo Lutz, para não falar senão de alguns mortos da escola de Manguinhos.

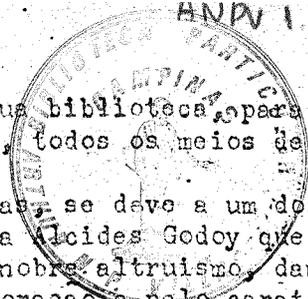
Um dia, lá pelos fins de 1908, terminando o curso de aperfeiçoamento, fui convidado pelo fundador de Manguinhos, através Carlos Chagas, para a feitura da tese de doutoramento dentro daquele Instituto. Foi-me dado um assunto vasto, sendo necessário recorrer à cinética química e, através da matemática superior, resolver o problema básico dos nossos trabalhos. Foi então que, tendo como guia Alcides Godoy, pude, com mais íntimo contato, conhecer o brilho daquela inteligência peregrina e a beleza daquele discreto coração. No fundo daquele frio calculista, não me foi difícil divisar também a alma do místico.

Já no ocaso da vida, parecia dizer o "Nunc dimittis servum tuum, Domine".

Godoy não era um prolixo publicista. Deixou pouco mais de duas dezenas de trabalhos e, todavia, disse Ezequiel Dias, quando estudou com serena justiça e elevado estilo o Instituto Oswaldo Cruz:

"Mas a primeira descoberta sensacional, uma descoberta de incalculável importância, não só para a vida do Instituto como também para a riqueza pública, deveria surgir em 1906, quando se obteve a inigualável vacina contra o carbúnculo sintomático, vulgarmente conhecido pelos nomes de "peste da manqueira", "mal de ano", etc. E mais adiante: "Se é que ainda há quem ignore o que essa invenção representa, basta referir que, antes do advento desse produto, eram os nossos melhores rebanhos bovinos dizimados na proporção de 80 a 90% dos bezerros nascidos anualmente. A vacina de Manguinhos - Autêntica maravilha de laboratório - vinha restituir ao patrimônio nacional a totalidade dos novilhos imunizados contra a letífera enzootia".

Delfiz Moreira afirmava: "Se nós somos um país exportador de carne, devêmo-la a Manguinhos. Dêsse infalível produto, tirou Oswaldo Cruz, na época da

pobresa daquela grande Instituto, o necessário para a sua biblioteca, para as pesquisas, para o contrato de funcionários técnicos, enfim, todos os meios de progredir e regular." 

"E tudo isso, disse o professor Ezequiel Dias, se deve a um dos seus assistentes de maior valor intelectual e moral: deve-o a Alcides Godoy que, para coroar o feito brilhantíssimo, teve um gesto de puro e nobre altruísmo, dando o privilégio do seu invento à Casa de que é filho, pelo coração e pelo caráter. Sem merecer ser apontado com respeito e carinho o nome do jovem sábio brasileiro, em cuja vida não rareiam ações dignas de memória".

De "manguinhos de outrora", foi o penúltimo que partiu...

O Instituto Oswaldo Cruz, que ele, com animo e ação eficiente ajudou a fundar, rende à sua memória, um preito de sincera saudade.

OCTAVIO DE MAGALHÃES

RELAÇÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS PELO DR. ALCIDES GODOY

- 1 - "Sobre um novo processo de vacinação contra o carbúnculo sintomático".
- Memória apresentada ao 6º Congresso Brasileiro de "Medicina e Cirurgia (Com Faria, J. Gomes de) Rev. Med. de S. Paulo, ano 11:338, 1908.
- 2 - "Sobre a peste da mangueira"
A Lavoura. Boletim da Soc. Nac. de Agr., 1909, ano 13:293.
- 3 - "Sobre a ultrafiltração. Pesquisas tendentes a obter a concentração do soro anti-diftérico". (Com Giemsa, G.) Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1909, T. 1:3:.
- 4 - "Multiplicação das bactérias em cultura. I - Constante de velocidade de multiplicação". Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1909, T. 1:81.
- 5 - "Aplicações práticas das teorias da imunidade". Brasil Médico, 1911, ano 25:1.
- 6 - "Relatório sobre imunidade. Apresentado ao Congresso do Rio de Janeiro".
Brasil Médico, 1911.
- 7 - "Nova vacina contra o carbúnculo sintomático". Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1910,
T. 2:126.
- 8 - "Estudo quantitativo sobre a germinação dos esporos". Mem. Inst. Oswaldo Cruz,
1910, T. 2:126.
- 9 - "A Peste Mangueira". O Criador Paulista, 1910, ano 5:835.
- 10 - "Uma simplificação ao processo gravimétrico. Pesagem dos precipitados no estado úmido". Brasil Médico, 1912, ano 26:1.
- 11 - "Sobre uma variante do processo gravimétrico. Simplificação do processo. Processo picrogravimétrico". Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1912, T. 4:136-133.
- 12 - "Sobre a determinação da acidez urinária". Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1913,
T. 5:256.
- 13 - "Sobre um novo higrômetro". Brasil Médico, 1916, ano 30:242.
- 14 - "Um novo higrômetro (2ª nota prévia)". Brasil Médico, 1917, ano 31:283.
- 15 - "Cauleryella maligna n. sp. schizogregarina patogênica para Cellia allopha Lutz e Peryassu". (Nota prévia). (Com Pinto, Cezar). Brasil Médico, 1922,
ano 36:46.
- 16 - "Estudos sobre malária no município de Campos". (Com Pinto, Cezar). Bol. Soc. Flum. Med. e Cir., Campos, ano 2:68. Brasil Médico, 1923, ano 37:29.
- 17 - "Da presença dos simbioses nos Ixódidas". (Com Pinto, Cezar). Brasil Médico,
ano 36:335.
- 18 - "Nouveau mode de préparation du petit-lait de Petruschky". (Com Facheo, G.)
C. R. Soc. Biol., 1924, T. 90:243.

- 
- 19 - "L'influence de la gélatine sur la production de la toxine diphtérique".
C. R. Soc. Biol., 1926, T. 95:998.
- 20 - "Action d'un noyau de L'oxy-amino-quinoléine sur les gamètes et les sporozoites de l'Halteridium du pigeon". (Com Lacerda, J. Soc. Biol.). C. R. Soc. Biol., 1928, T. 98:617.
- 21 - "Fatos novos sobre a biologia dos culicídeos e suas aplicações à luta contra a malária". Anuaes 2º Congresso Bras. de Hyg., B. Horizonte, 1924, T. 1:307
- 22 - "Comunicação apresentada à Sociedade Brasileira de Biologia". (Sessão de 24-4-1929). (Com Gonçalves, N. B.). Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 1929, Supl. 7:100.
- 23 - "Sur les anophelines que transmettent le paludismo au Brésil". (Com Lobo, A. et Cruz Filho, Oswaldo). C. R. Soc. Biol., 1931, 105:731.
- 24 - "Armadilhas para mosquitos". (Com Botafogo, G. N.) 4ª Conferência Sul Amer. Hyg. Microb. e Patol., Rio, 1929, vol. 1:865.
- 25 - "Estudos bacteriológicos sobre a diarreia ou pneumoenterite dos bezerros publicado no memorial descritivo para obtenção da patente nº.9.564".
(Com Machado, Astrogildo)
- 26 - "Processo de preparação e emprego de uma nova vacina contra o carbúnculo bacteriano. Memorial descritivo para obtenção da patente nº.9.981". (Com Machado, A.) Diário Oficial, Rio, 2 de julho, p. 8720.

(Extraído do "Livro - Memórias do Instituto Oswaldo Cruz - Tomo 49 - Março de 1951 - pags. 1-6)